

COLEÇÃO MUNDO AFORA



MIRCEA CĂRTĂRESCU

Solenoide

TRADUÇÃO DO ROMENO
Fernando Klabin

*mundaréu

- © Editora Mundaréu, 2024 (tradução e edição)
© Mircea Cărtărescu, 2015/Paul Zsolnay Verlag Ges.m.b.H.,
Wien (através de Ute Körner Literary Agent)
© Raul Passos, 2024 (tradução de Tudor Arghezi)

Título original em romeno

Solenoid

Esta edição contou com o apoio financeiro do Instituto Cultural Romeno, por meio de seu programa TPS.



EDIÇÃO

Silvia Naschenveng

CAPA

Estúdio Pavio (a partir da foto de Fântânile București, Piața Unirii, Bucareste, Romênia, 2023/ Frimufilms/ Freepik).

DIAGRAMAÇÃO

Luis Otávio Ferreira

PREPARAÇÃO

Fábio Fujita

REVISÃO

Vinicius Barbosa

Edição conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

Cartarescu, Mircea

Solenoide / Mircea Cartarescu ; tradução do romeno Fernando Klabin. -- São Paulo : Editora Mundaréu, 2024. -- (Coleção mundo afora)

Título original: Solenoid.

ISBN 978-65-87955-25-4

1. Ficção romena I. Título. II. Série.

24-220153

CDD-859.3

Índices para catálogo sistemático:


1. Ficção : Literatura romena 859.3


2024


Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA MUNDARÉU LTDA.

São Paulo — SP

 editoramundareu.com.br

 vendas@editoramundareu.com.br

 editoramundareu

*Um homem, ser de sangue, extrai do cume o lodo
E engendra então o grande espectro que o assombra,
Feito de devaneio, de aroma e de sombra,
Dá-lhe alma, e entre nós o faz descer de todo.*

*No entanto o sacrificio lhe parece fútil,
Frívolo, quanto é belo do livro o seu brado.
Porém sem seres lido, ó livro meu amado,
Crer que responderás a perguntas é inútil.***

TUDOR ARGHEZI, Ex libris

*„Un om de sânge ia din pisc noroi
Și zămislește marea lui fantomă
De reverie, umbră și aromă,
Și o pogoară vie printre noi.*

*Dar jertfa lui zadarnică se pare,
Pe cât e ghiersul cărții de frumos.
Carte iubită, fără de folos,
Tu nu răspunzi la nici o întrebare.“*

** Tradução de Raul Passos



Primeira Parte

Peguei piolho de novo, nem me admiro mais, nem me assusto mais, nem fico mais com nojo. É só coceira. Quase sempre estou com lêndeas, sempre caem quando me penteio no banheiro: ovínhos cor de marfim, reluzindo pretos na porcelana da pia. Muitos também ficam entre os dentes do pente, que limpo depois com a escova de dentes velha, a do cabo mofado. Não tenho como não pegar piolho – sou professor numa escola de periferia. Metade das crianças tem piolho, diagnóstico confirmado já no início das aulas, durante a consulta médica, quando a enfermeira lhes desfia o cabelo com o gesto experiente dos chimpanzés – só não estala entre os dentes a crosta de quitina dos insetos capturados. Em vez disso, recomenda aos pais uma solução alvacenta como lixívia, de cheiro químico, a mesma utilizada, no fim das contas, também pelos professores. Em poucos dias, a escola toda passa a cheirar a solução contra piolho.

Não é tão ruim assim, apesar de tudo; pelo menos faz tempo que não temos percevejos. Ainda me lembro deles, vi-os com meus próprios olhos quando tinha uns três anos, na casinha de Floreasca¹ em que vivi entre 1959 e 1960. Papai me mostrava, levantando o colchão num gesto brusco. Eram grãozinhos escarlates, duros e luzidios como frutas do bosque, ou como aqueles brotos escuros de hera que eu sabia que não devia enfiar na boca. Só que os grãozinhos entre o colchão e o estrado corriam rápido para os cantos

1 Bairro de Bucareste. [N.T.]

escuros, tão alarmados que eu dava risada. Mal via a hora em que papai levantasse de novo a quina pesada do colchão (quando trocavam a roupa de cama) para rever aqueles bichinhos gorduchos. Eu dava então uma risada tão gostosa, que mamãe, que deixava meu cabelo comprido e todo cheio de cachinhos, sempre me apertava nos braços e “cuspiam” em mim para espantar o olho gordo. Em seguida, papai vinha com a bomba de inseticida e borrifava um jorro fedorento em cima dos percevejos abrigados entre as fendas da armação de madeira, acabando com eles. Gostava do cheiro da madeira da cama, madeira de abeto que ainda soltava resina, gostava até mesmo do cheiro do inseticida. Papai depois largava o colchão, e mamãe vinha com os lençóis nos braços. Quando ela fazia a cama, o lençol inflava como um sonho enorme, e eu me enfiava nele com um prazer todo especial. Depois eu esperava que o lençol pousasse, devagar, sobre mim, assumindo a forma de meu corpinho, não exatamente de cada parte dele, mas desenhando dobras e dobrinhas complicadas. Naquela altura, os cômodos eram grandes como galpões, e dentro deles se moviam aqueles dois gigantes que, sabe-se lá por que, cuidavam de mim: mamãe e papai.

No entanto, não me lembro de picadas de percevejo. Mamãe dizia que deixam pequenos círculos vermelhos na pele, com um ponto branco no meio. E que ardem mais do que coçam. Não sei, a verdade é que eu sempre pego piolho das crianças quando me inclino sobre seus cadernos, como se fosse doença profissional. Desde a época em que eu poderia ter me tornado escritor, uso cabelo comprido. Foi tudo o que me restou dessa carreira, as mechas. E as malhas de gola alta, usadas pelo primeiro escritor que vi na vida e que ficaram como uma imagem, gloriosa e intocável, do autor de *Bonequinha de luxo*. Meu cabelo sempre encosta nos das meninas, armados e cheios de lacinhos. É por esses fios córneos, semitransparentes, que os insetos sobem. Suas garras têm a curvatura do fio de cabelo, de modo que o agarram perfeitamente. Chegam depois ao couro cabeludo, e lá deixam seus ovos e excrementos. Picam o couro, que jamais viu a luz do sol, de um branco imaculado, como um pergaminho, e esse é seu alimento. Quando a coceira se torna

insuportável, abro a água quente da banheira e me preparo para os exterminar.

Gosto do som da água na banheira, desse borbulhar impetuoso, precipitação turbilhante de bilhões de gotas e filetes enroscados numa espiral, do uivo do jato vertical na gelatina esverdeada da água que aumenta infimamente, conquistando as paredes da banheira por meio de ondas obstrutivas e invasões bruscas, como se fossem inúmeras formigas transparentes fervilhando na selva amazônica. Fecho a torneira e a calma se impõe, as formigas se fundem umas nas outras, e a gelatina de safira, mole e silenciosa, olha para mim com um olho límpido e me aguarda. Nu, entro com volúpia na água. De imediato mergulho a cabeça, sinto como as paredes da água se erguem simétricas pela minha face e minha testa. A água me pressiona, pesa em torno de mim, me faz levitar no meio dela. Sou o caroço de um fruto de polpa verde-azul. Meu cabelo estica até a borda da banheira, como uma ave negra de asas abertas. Os fios se repelem uns aos outros, cada um é independente, cada um flutua, molhado, entre os outros, sem os tocar, como tentáculos de um narciso-das-areias. Movo com gestos repentinos a cabeça, para um lado e para o outro, para sentir como os fios se retesam, se estendem pela água densa, ganhando peso, um peso inesperado. É difícil arrancá-los de seus alvéolos de água. Os piolhos se aferram firmes aos troncos grossos, unindo-se a eles. Suas carcaças são feitas da mesma substância dos fios de cabelo. Também amolecem na água quente, mas sem se dissolver. Os tubinhos respiratórios, simetricamente localizados na beirada dos ventres franzidos, estão bem vedados, como as narinas aderentes das focas. Flutuo passivo na banheira, distendido como um modelo anatômico, a pele de meus dedos incha e enruga. Eu também amoleço, como se uma quitina transparente me cobrisse. As mãos, soltas, flutuam na superfície. O sexo também tende a se alçar, como uma rolha de cortiça. É tão estranho eu ter um corpo, estar num corpo.

Ergo-me e ponho-me a passar sabonete no cabelo e pelo corpo. Enquanto mantive os ouvidos debaixo d'água, ouvi com clareza as brigas e as pancadas dos apartamentos vizinhos, só que pareciam filtradas num sonho. Tinha agora tampões de gelatina nos

ouvidos. Passeio pelo corpo minhas palmas cheias de espuma. Meu corpo, para mim, não é erótico. É como se meus dedos passassem não por meu corpo, mas por minha mente. Minha mente vestida de carne, minha carne vestida de cosmos.

Como no caso dos percevejos, não me surpreendo tanto ao atingir meu umbigo com os dedos cheios de espuma. Faz muitos anos isso. No início eu me assustava, claro, pois tinha ouvido que podia acontecer de o umbigo arrebentar. Mas jamais me preocu-para com o meu, pois meu umbigo não passava de uma reentrân-cia no ventre, “grudado à espinha dorsal”, como dizia mamãe. Era desagradável tocar no fundo dessa concavidade, mas isso nunca me incomodou. O umbigo nada mais era que aquele ponto esca-vado, na maçã, por onde sai o cabinho. Fomos criados como frutas num pecíolo coberto por nervuras e artérias. Alguns meses antes, porém, enquanto passava os dedos, apressado, por esse acidente de meu corpo, só para não o deixar sujo, senti algo incomum, algo que não deveria estar ali: uma espécie de protuberância que arranhou a ponta de meu dedo, algo inorgânico, alheio a meu corpo. Estava incrustado no nó de carne pálida que lançava um olhar dali, como um olho entre duas pálpebras. Pela primeira vez fui olhá-lo com mais atenção, afastando com os dedos as margens da fenda. Como não enxergava bem, ergui-me da banheira, e a lente de água escorreu devagar pelo umbigo. Meu Deus, pensei para comigo mesmo, sorrindo, cheguei ao ponto de contemplar meu próprio umbigo... Sim, era uma espécie de nó pálido, que ganhara nos úl-timos tempos mais relevo do que de costume, pois, quase aos trin-ta anos, os músculos de meu ventre haviam começado a afrouxar. Uma incrustação do tamanho da unha de uma criança, numa das volutas do nó, revelou ser mera sujeira. Do outro lado, porém, rijo e dolorido, brotava o toquinho preto esverdeado que sentira com a ponta do dedo. Não sabia o que podia ser. Tentei agarrá-lo com as unhas, mas, ao puxar, senti uma dorzinha que me assustou: podia ser um tipo de verruga que seria mais prudente não per-turbar. Esforcei-me por esquecê-lo e deixá-lo ali onde crescera. Ao longo da vida nos aparecem muitas pintas, verrugas, ictioses e outras porcarias que, pacientemente, carregamos conosco, para

não falarmos das unhas e dos pelos, e dos dentes que caem: pedaços nossos que deixam de nos pertencer e ganham vida própria. Guardo ainda hoje, graças ao cuidado de mamãe, numa caixinha de pastilhas tic tac, todos os meus dentes de leite e, também graças a ela, minhas mechas de quando tinha três anos. Nossas fotografias com verniz craquelado e serrilhadas como as beiradas de um selo constituem igualmente um testemunho: nosso corpo em algum momento de fato se interpôs entre o sol e a lente da câmera fotográfica, fazendo sombra no filme da mesma maneira como a lua projeta sombra, no eclipse, sobre o disco solar.

Porém duas semanas depois, de novo na banheira, senti mais uma vez o umbigo estranho e irritado: aquela pequena porção não-identificada tinha aumentado um pouco e, ao toque, doía menos do que inquietava. Quando nosso dente dói, passamos a língua nele mesmo sob o risco de acabarmos descobrindo uma dor mais intensa. Tudo o que sai do normal no mapa sensível de nosso corpo nos crispa e agita: vemo-nos obrigados a acabar, a qualquer preço, com a sensação de incômodo que não nos dá sossego. De vez em quando, à noite, antes de me deitar, tiro as meias e sinto que a pele carnuda, amarela-transparente da parte lateral do dedão, se tornou excessivamente grossa. Apanho aquele inchaço duro com os dedos e o esfrego por uma meia hora, até conseguir arrancar uma borda, a partir da qual continuo puxando, com as pontas dos dedos doloridas, cada vez mais irritado e preocupado, até conseguir soltar uma casca grossa, vítrea, com estrias que se parecem com as das papilas digitais, um centímetro inteiro de pele morta, agora pendurada em meu dedo, desgraciosa. Não posso continuar puxando, senão chego àquela membrana vascularizada de baixo, chego àquele que sente dor, eu mesmo, contudo preciso resolver aquela coceira, aquela aflição. Pego a tesoura e a corto, em seguida a contemplo demoradamente: uma casca branca produzida por mim, sem eu saber como, assim como não me lembro de como produzi meus ossos. Dobro-a entre os dedos, cheiro-a, tem um leve odor de amoníaco: aquele naco orgânico, mas morto, morto desde que fazia parte de mim e adicionava alguns gramas a meu peso, continua me atijando. Prefiro não o jogar fora, apago a luz e

vou para a cama com ele entre os dedos, para que, no dia seguinte, eu me esqueça completamente de tudo. Por algum tempo, no entanto, manco de leve: dói o ponto do qual o arranquei.

De modo que me pus a cutucar levemente o caroço duro que assomava em meu umbigo até que, inesperadamente, ele se soltou em minha mão. Era um pequeno cilindro de meio centímetro de comprimento e mais ou menos da grossura de um palito de fósforo. Tingido pelas intempéries, parecia embolorado, ensebado e enegrecido pela passagem do tempo. Era algo ancestral, mumificado, saponificado, sabe-se lá. Coloquei-o debaixo do jato d'água da pia, e a camada de sebo se foi, revelando que, no passado, aquela coisinha talvez tenha sido amarelo-esverdeada. Deixei-o no fundo de uma caixa de fósforos vazia. Parecia a cabeça queimada de um palito.

Algumas semanas depois, extraí do umbigo encharcado de água quente mais um fragmento, dessa vez duas vezes mais comprido, da mesma substância dura e alongada. Percebia agora que se tratava da ponta flexível de um barbante, pude inclusive observar a imensa quantidade de fibras enroladas que o constituíam. Era barbante, barbante ordinário, de embalagem. O barbante com que, vinte e sete anos atrás, costuraram meu umbigo naquela maternidade miserável, proletária, onde nasci. Agora meu umbigo o abortava com vagar, um pedacinho em duas semanas, um pedacinho em um mês, e outro depois de mais três meses. O de hoje é o quinto, e o retiro com cuidado e volúpia. Endireito-o, limpo-o com a unha, lavo-o na água da banheira. É o fragmento mais comprido até agora e, espero, o último. Coloco-o na caixa de fósforos, junto com os outros: estão quietinhos, amarelos-esverdeados-negros, tortos, com as pontas levemente desfeitas. Cânhamo, o mesmo usado para fazer as sacolas das donas de casa, que lhes cortam as mãos quando estão cheias de batatas, o mesmo usado para amarrar pacotes. Pelo dia de Santa Maria, sempre chegava um pacote dos parentes de papai no Banato²: doces com semente de papoula e mel. O barbante desamarrado, cor de café esverdeado, era minha

² Região do extremo oeste da Romênia. [N.T.]

alegria: com ele eu amarrava as maçanetas das portas, para que mamãe não tivesse mais um filho. Em cada maçaneta eu fazia dezenas, centenas de nós.

Deixo de lado o barbante do umbigo e saio, coberto de filetes de água, da banheira. Pego o frasco com a solução anti-piolho de trás da privada e despejo um dedo de seu fétido conteúdo na cabeça. Pergunto-me de qual classe eu teria pegado desta vez, como se isso tivesse alguma importância. Quem sabe, talvez tenha. Talvez em ruas diferentes do bairro e em classes diferentes da escola, os piolhos sejam de outra espécie, de outros tamanhos.

Enxáguo a cabeça daquela substância nojenta e em seguida começo a me pentear acima da pia, cuja porcelana cintila de tão limpa. E de repente os parasitas começam a cair, dois, cinco, oito, quinze... São extremamente pequenos, cada um coagulado em seu próprio grãozinho de água. Com grande dificuldade, enxergo seus corpos de ventre alargado e três perninhas, ainda em movimento, de cada lado. O corpo deles e o meu corpo, molhado e despido como estou, inclinado por cima da pia, são constituídos pelos mesmos tecidos orgânicos. Com órgãos e funções análogas. Com olhos que veem a mesma realidade, pernas que os conduzem pelo mesmo mundo infindo e incompreensível. Querem viver, assim como eu também quero. Faço-os sumir da superfície da pia com um jato d'água. Descem pelo ralo, chegam aos canais subterrâneos.

Vou deitar-me de cabelo molhado junto a meus pobres tesouros: a caixinha de pastilhas tic tac com os dentinhos da infância, as fotos de quando eu era pequeno e meus pais estavam na flor da idade, a caixa de fósforos com o barbante que se soltou de meu umbigo, e o diário. Despejo, como tantas vezes costumo fazer à noite, os dentinhos na palma da mão: pedrinhas lisas, ainda muito brancas, que um dia estiveram em minha boca, com as quais um dia comi, pronunciei palavras e mastiguei como um cachorro. Perguntei-me diversas vezes como seria ter também, enfiado em algum lugar, um saquinho de papel contendo minhas vértebras da idade de dois anos ou as falanges de meus dedos dos sete anos...

Coloco os dentes de volta. Ainda queria olhar umas fotos, mas não aguento mais. Abro a gaveta da mesa de cabeceira e enfiado tudo

lá dentro, na caixa de “couro de cobra” amarelada, que outrora abrigara um aparelho de barbear, um pincel e uma caixinha de lâminas Astor. Agora, é aqui que guardo meus pobres tesouros. Puxo as cobertas até cobrir a cabeça e me esforço para adormecer rápido, se possível definitivamente. O couro cabeludo não coça mais. Ademais, por ter acontecido há pouco tempo, espero que não aconteça de novo essa noite.

Estava pensando nos sonhos, nos visitantes, em toda essa loucura, mas não é o momento agora. Por ora devo voltar à escola em que trabalho, veja só, já faz mais de três anos. “Não serei professor a vida inteira”, pensava comigo mesmo, lembro como se fosse hoje, enquanto voltava de bonde, na profundidade de uma noite de verão com nuvens róseas, de lá, dos confins mais remotos de Colentina³, aonde fora visitar a escola pela primeira vez. Eis que não aconteceu nenhum milagre, e todas as chances são de que continue assim. No fim das contas, nem foi tão ruim até agora. Naquela tarde em que fui visitar a escola, logo depois da nomeação governamental, eu tinha vinte e quatro anos e mais ou menos o dobro em quilos. Era inacreditável e impossivelmente faminto. O bigode e o cabelo comprido, levemente ruivos na época, só conseguiam infantilizar ainda mais meu aspecto, de modo que, se eu me examinasse ao acaso no reflexo de uma vitrine ou janela do bonde, julgava ver um aluno de liceu.

Era uma tarde de verão, a cidade estava repleta de luz a transbordar, como um copo com a água abaulada ultrapassando a margem. Tomei o bonde de Tunari, em frente à Direção-Geral da Milícia⁴. Passei diante do prédio de meus pais na Ștefan cel Mare, onde eu também morava, olhei, como de costume, a fachada infinita para identificar a janela de meu quarto, coberta com papel azul

3 Bairro periférico de Bucareste. [N.T.]

4 Denominação das forças policiais na Romênia durante o regime comunista. [N.T.]

para o sol não entrar, depois passei ao longo da cerca de arame do Hospital Colentina. Os pavilhões dos doentes ficavam alinhados no enorme pátio como cruzadores de alvenaria. Cada um tinha um formato diferente, como se as doenças de seus diversos moradores ditassem a estranha arquitetura das construções. Ou talvez o arquiteto de cada pavilhão tenha sido escolhido dentre os enfermos de um determinado mal, concebendo-o de tal forma a representar, de maneira simbólica, sua doença. Conhecia-os todos, pelos menos dois deles já haviam abrigado a mim também. Aliás, bem na extremidade direita do pátio pude reconhecer, emocionado, o prédio cor-de-rosa, com paredes finas como folhas de papel, do pavilhão de doenças neurológicas. Ali tinha ficado por um mês, oito anos antes, por causa de uma paralisia facial que até hoje às vezes me incomoda. Várias noites ainda sonho estar passeando pelos pavilhões do Hospital Colentina, entrando em edifícios desconhecidos e hostis, com paredes cobertas de pranchas anatômicas...

O bonde em seguida passou ao lado da antiga Oficina ITB, onde papai trabalhara por um tempo como soldador. Em frente, no entanto, prédios haviam sido construídos, de modo que da avenida mal se via a oficina. No térreo de um prédio havia um posto de saúde, bem diante do ponto Doctor Grozovici. Eu frequentara por algum tempo aquele posto para tomar injeções, vitamina B1 e B6, também por causa da paralisia dos dezesseis anos. Meus pais colocavam as ampolas em minha mão e me mandavam voltar com elas vazias. Sabiam o que diziam. No início eu as jogava no poço do elevador e dizia a meus pais que as tinha tomado, mas não consegui enganá-los por muito tempo. No fim das contas, tive de tomar as injeções mesmo. Ia até o posto de saúde ao entardecer, no escuro, com o coração na mão. Percorria a pé, o mais devagar possível, a distância de dois pontos. Como nos dias em que tinha de ir ao dentista, esperava que acontecesse o milagre de encontrar o consultório fechado, o edifício demolido, o dentista morto ou pelo menos uma queda de energia que impedisse a broca e as luzes acima da cadeira de funcionarem. Mas o milagre jamais acontecia. A dor sempre me aguardava ali, completa, com sua aura ensanguentada. A primeira enfermeira da Grozovici que me aplicou a injeção,

tarde da noite, era bonita, loira, bem cuidada, mas logo passei a ter pavor dela. Era do tipo que olhava uma bunda pelada com desprezo total. Não era a perspectiva da dor que se seguiria, mas o nojo daquela mulher pelo moleque com quem haveria de ter uma relação íntima (mesmo que fosse apenas lhe enfiar uma agulha no traseiro) que acabava rapidamente com a mais vaga excitação, e meu sexo desistia do esforço de erguer um pouquinho a cabeça para enxergar melhor. Então eu esperava o inevitável umedecimento da pele que haveria de ser martirizada, as três ou quatro palmadas e então o choque da agulha enfiada na carne, sempre com cuidado para que a ponta não tocasse nenhum nervo, nenhuma veia, não fizesse nenhum mal duradouro, memorável, choque aumentado pelo veneno que descia pela haste da agulha para difundir ácido sulfúrico por toda a nádega. Era horrível. Depois das injeções da enfermeira loira, eu ficava mancando a semana toda.

Felizmente, essa enfermeira, que devia ser sadomasoquista na cama com os amantes, se revezava no posto de saúde com outra, igualmente inesquecível, mas por razões diferentes. Era uma mulher que matava qualquer um de susto à primeira vista, pois não tinha nariz. Não usava nenhum curativo, nem um nariz postiço, simplesmente tinha, no meio do rosto, um orifício enorme, vagamente dividido em dois compartimentos. Era miúda como um pintinho, morena, com olhos capazes de chamar nossa atenção por sua mansidão, não fosse o aspecto de górgona do rosto que nos aturdiava completamente. Quando era o dia da loira, ela me recebia na hora. Havia eco na sala de espera. Por outro lado, a anã sem nariz parecia gozar de um sucesso incomum: a sala estava sempre abarrotada, como a igreja em noite de Vigília Pascal. Voltava para casa do posto de saúde às duas da manhã. Muitos dentre os pacientes que esperavam a vez lhe levavam flores. Quando aparecia na porta, todos sorriam, felizes. Acho que provavelmente ninguém jamais tivera uma mão mais leve. Quando chegava minha vez, e eu me sentava no linóleo do leito do consultório, de calças arriadas, ficava tonto com o perfume das flores que, ainda embaladas, ocupavam sete ou oito vasos enfileirados ao longo das paredes. Aquela mulher extraordinariamente morena falava comigo com calma e

indiferença, em seguida me tocava as nádegas com a palma e... era tudo. Eu não sentia a agulha e percebia a dissolução do soro nos músculos apenas como uma leve queimadura. Em poucos minutos tudo passava, de modo que eu voltava para casa lépido e contente. Meus pais me olhavam com desconfiança: será que eu não teria jogado de novo a ampola sabe-se lá onde?

Em seguida vinha o cinematógrafo Melodia, logo antes da Lizeanu, e então eu descia no ponto seguinte, no Obor, onde eu baldeava e tomava um bonde que passava perpendicular à Ștefan cel Mare, vindo da Moșilor e se perdendo nos confins de Colentina.

Conhecia bem aqueles lugares, era a minha área, por assim dizer. No Obor, mamãe se abastecia. Levava-me com ela, quando era pequeno, através do mar de gente do antigo mercado. O pavilhão dos peixes, no qual era impossível permanecer de tanto que fedia, o pavilhão central, com baixos-relevos e mosaicos reproduzindo cenas incompreensíveis, e a fábrica de gelo, diante da qual se viam operários sempre manuseando blocos brancos no meio e miraculosamente transparentes nas pontas (como se constantemente dissolvidos no ambiente), a meus olhos de criança eram cidadelas fantásticas de outro mundo. Ali, na desolação de uma manhã de segunda-feira, de mãos dadas com minha mãe, vi o cartaz, colado num poste, que me obcecou por tanto tempo: um polvo gigantesco surgia de um disco voador e esticava os braços na direção de um astronauta que caminhava em cima de um planeta vermelho, coberto de pedras. Acima estava escrito *O planeta das tormentas*. “É um filme”, mamãe explicou. “Vamos esperar que chegue até um cinema mais próximo de nós, no Volga ou no Floreasca.” Mamãe tinha medo do centro da cidade, só saía do bairro quando não havia escolha, como quando comprava para mim, na Lipscani, o uniforme escolar com camisa xadrez e calças que já vinham com marcas de joelho, como se tivessem sido usadas na fábrica.

Colentina também me era familiar, com suas casas em ruínas à esquerda e a fábrica de sabão Stela à direita, onde eram produzidas as marcas de sabão de lavar roupa Cheia e Cămila. O cheiro de gordura rançosa se propagava por todo o bairro. Em seguida vinham o prédio de tijolos da fábrica têxtil Donca Simo, em cujos

teares mamãe trabalhara em outra época, e depósitos de lenha. A rua, miserável e desoladora, continuava se infiltrando no horizonte, na fervura do verão, debaixo de céus imensos, esbranquiçados, que só em Bucareste podemos ver. Na verdade, eu havia nascido ali, no bairro Colentina, na periferia, numa maternidade caindo aos pedaços, improvisada num antigo edifício meio casa de jogo, meio bordel, anterior a 1944, e vivi os primeiros anos em algum lugar em Doamna Ghica, numa ruela minúscula, digna de gueto judaico. Muito mais tarde voltei ali, na rua Silistra, com uma câmera e fotografei a casa de minha infância, mas as fotos não saíram. Aquela zona não existe mais, foi varrida, junto com minha casa, da face da terra. O que há agora no lugar dela? Claro, prédios, como em toda a parte.

Ao deixar Doamna Ghica com o bonde 21, entrei num reino desconhecido. As casas rareavam dos dois lados, brotavam lagos sujos, em cujas margens mulheres de saias plissadas lavavam tapetes. Lojas de garrafa de soda e padarias, lojas de vinho e peixarias. Rua vazia, desoladora, infindável, dezessete pontos de bonde, a maior parte dos quais sem abrigo e sem sentido, como as paradas ferroviárias no meio do mato. Mães com vestidos estampados, com uma filha em cada mão, caminhando rumo a lugar nenhum. Uma ou outra carroça cheia de garrafas vazias. Centros de distribuição de botijões com filas, à noite, para o dia seguinte. Ruas perpendiculares, empoeiradas, como no interior, ladeadas por amoreiras. Pipas enroscadas nos fios elétricos dos postes de madeira calcinada.

Cheguei ao ponto final depois de sacolejar por uma hora e meia dentro do bonde. Acho que nos últimos três ou quatro pontos eu já estava sozinho no vagão inteiro. Desci numa grande rotatória, em que os bondes viravam para retornar, sísifos, a Colentina. Embora já tendesse para o anoitecer, o dia permanecia âmbar e espectral, sobretudo por causa do silêncio. Ali, no ponto final do 21, não havia viva- alma. Galpões industriais, compridos e cinzentos, com janelas estreitas, uma caixa-d'água no horizonte, um pomar de árvores literalmente pretas por causa do petróleo e o gás dos escapamentos no lado de dentro do largo círculo dos trilhos do bonde. Dois

bondes vazios e parados, um ao lado do outro, sem motorista. Uma bilheteria fechada. Fortes contrastes entre a luz rósea e a sombra. O que eu estava fazendo ali? Como poderia viver num lugar tão remoto? Pus-me a caminhar na direção da caixa-d'água, cheguei até sua base, onde havia uma porta fechada a cadeado, e, com a cabeça inclinada para trás, contemplei a esfera que cintilava no céu, na ponta do cilindro caiado. Continuei caminhando rumo... a nada, rumo a um deserto... Ali me parecia terminar não a cidade, mas a realidade. Uma rua que virava à esquerda tinha, numa tabuleta, o nome que eu procurava: Dimitrie Herescu. Em algum lugar daquela rua deveria estar a escola, a minha escola, o primeiro trabalho em que eu deveria apresentar-me em 1º de setembro, dali a mais de dois meses. O prédio de uma oficina mecânica, pintado de verde e rosa, não conseguia destruir a atmosfera provinciana do lugar: casas com telhas de barro, quintais com cercas apodrecidas, cachorros acorrentados, flores de periferia. A escola ficava à direita, a algumas casas de distância da oficina mecânica, e ela também estava, claro, deserta.

Era uma escola pequena, um híbrido em forma de L, com uma ala antiga, rachada e de janelas quebradas e, ao fundo de um pequeno pátio, uma ala nova, ainda mais desoladora. No pátio, uma tabela de basquete torta, sem rede no aro. Abri o portão e entrei. Dei alguns passos sobre o asfalto do pátio. O sol estava acabando de baixar, de modo que um nimbo de raios se reuniu sobre o telhado do prédio antigo. Jorravam dali meio tristes e de certo modo escuros, pois não iluminavam nada, só acentuavam a solidão desumana do lugar. Meu coração se apertou: eu haveria de entrar naquela escola empedernida como uma morgue, avançar, com o diário de classe debaixo do braço, pelos corredores pintados de verde-escuro, chegar ao andar de cima e entrar numa sala de aula desconhecida, em que trinta crianças desconhecidas, que seriam menos desconhecidas se fossem de outra espécie, esperavam por mim. Talvez estivessem até mesmo me esperando naquele exato momento, caladas nas carteiras, com seus porta-lápis de madeira, seus cadernos encapados com papel azul. Com essa ideia, os pelos de meus braços se eriçaram, e, quase correndo, ganhei a rua.

“De todo modo, não serei professor a vida toda”, disse a mim mesmo enquanto o bonde me levava de volta para o mundo branco, os pontos ficavam para trás, as casas se acumulavam e as pessoas voltavam a popular a terra. “No máximo só um ano, até eu entrar numa redação, numa revista literária.” E, ao longo dos três primeiros anos de ensino na Escola 86, não fiz outra coisa, na verdade, senão nutrir essa ilusão, assim como algumas mães continuam amamentando os filhos muito depois do momento de desmame. A ilusão crescera até ficar de meu tamanho, e eu não conseguia evitar – e de certo modo nem hoje consigo evitar – desabotoar o peito, ao menos de vez em quando, e deixá-la me canibalizar com volúpia. Passaram-se os anos de estágio. Mais quarenta anos se passarão e me aposentarei aqui. No fim das contas, não foi tão ruim assim até agora. Tive longos períodos sem piolho. Não, pensando bem, não foi ruim nessa escola, e tudo o que aconteceu foi para melhor.

Às vezes perco o controle dos braços, da altura do cotovelo para baixo. Não me assusto, eventualmente diria até que gosto. Acontece de maneira inesperada, por sorte só quando estou sozinho. Estou escrevendo alguma coisa, corrigindo provas ou bebendo café, ou cortando as unhas com o alicatinho chinês e, de repente, sinto como as mãos ficam mais leves, como se infladas com um gás volátil. Alçam-se sozinhas, puxando meus braços acima da altura dos ombros, levitando felizes pelo ar denso, escuro e cintilante, do quarto. Então me alegro eu também, e as observo como se fosse a primeira vez: longas, delgadas, com ossos finos, com um pouco de pelo negro nas falanges dos dedos. Sob meu olhar enfeitiçado, elas começam a gesticular sozinhas, de maneira elegante e bizarra, contando histórias que os surdos talvez pudessem entender. Meus dedos então se movem precisos e infalíveis, numa série de sinais ininteligíveis, os da mão direita perguntam, os da esquerda respondem, o anular e o polegar delimitam um círculo, os dedinhos folheiam alguma coisa, as articulações pivoteiam com uma energia esbelta de maestro. Deveria enlouquecer de medo, pois alguém, dentro de minha própria mente, comanda esses movimentos tão claramente qualificados, desesperados por serem decifrados e, no entanto, raras vezes me sinto mais feliz. Fito minhas mãos como uma criança levada ao teatro de marionetes, que não compreende o que ocorre no minúsculo palco, mas se deixa fascinar pela agitação das criaturas de madeira com cabelo de corda e vestidos de papel crepom. A vida autônoma de minhas mãos

(graças a Deus, nunca quando estou dando aula ou andando na rua) se acalma em poucos minutos, os gestos se tornam mais lentos, começam a se parecer com os mudras das dançarinas indianas, depois cessam, e por uns dois ou três minutos ainda posso gozar da sensação mágica de que minhas mãos são mais leves do que o ar, como se papai, em vez de balões, tivesse enchido no cano do fogão duas luvas de limpeza, de borracha fina, que ora substituem minhas mãos. E como não lamentar quando minhas verdadeiras mãos, grosseiras, pesadas, orgânicas, escoriadas, com estrias musculares, com o branco hialino dos tendões e veias borbulhando de sangue, retornam às luvas de pele com unhas nas pontas e, de repente, para minha surpresa, posso fazer os dedos se moverem a meu bel-prazer, como se pudesse, caso me concentrasse o bastante, quebrar um ramo da figueira do peitoril ou puxar em minha direção a caneca de café, sem encostar.

Só mais tarde chega o temor, só depois de todo esse feitiço (que ocorre a cada dois ou três meses) se transformar em uma espécie de recordação é que começo a me perguntar se por acaso, entre tantas anomalias de minha vida – pois é disso que se trata –, tenho na independência feérica de minhas mãos mais uma prova de que... tudo acontece em sonho, de que toda a minha vida é onírica, ou algo mais triste, mais sério, mais maluco, e no entanto mais verdadeiro do que qualquer história que possa ser inventada. O delicioso e assustador balé de minhas mãos, sempre só aqui, em minha casa em forma de navio da rua Maica Domnului, é o menor, o mais insignificante (posto que é benigno, no fim das contas) dos motivos pelos quais escrevo estas páginas, apenas para mim, na inacreditável solidão de minha vida. Se quisesse escrever literatura, eu o teria feito dez anos atrás. Quero dizer, se quisesse de verdade, sem esforço consciente, assim como quando queremos que nosso pé dê um passo e ele dá. Não precisamos dizer: “Ordene-lhe que dê um passo”, nem mesmo precisamos pensar no complicado processo pelo qual nosso desejo se transforma em ação. Basta acreditarmos, termos fé do tamanho de um grão de mostarda. Se formos escritores, escreveremos. Os livros surgem sem que saibamos o que devemos fazer para tal, de acordo com nosso dom,

assim como a mãe é feita para dar à luz e de fato dá à luz a criança que cresceu em seu útero, sem que sua mente tenha participado do complicado origami da carne. Se eu fosse escritor, teria escrito livros de ficção, teria escrito até agora dez, quinze romances, sem dedicar mais esforço do que dedico em secretar insulina ou fazer transitar, diariamente, alimento entre os dois orifícios de meu aparelho digestivo. No entanto, naquela altura, muito tempo atrás, quando minha vida ainda podia optar indefinidamente entre várias direções, ordenei a minha mente produzir ficção e não aconteceu nada, assim como em vão fito meu dedo e lhe digo: “Mova-se!”.

Na adolescência, quis escrever literatura. Até hoje não sei se fracassei nisso por não ter sido um verdadeiro escritor ou simplesmente por falta de sorte. Escrevi poemas no tempo de liceu, tenho até hoje uns cadernos guardados em algum canto, e baseando-me em sonhos sei que escrevi prosa também, um caderno grande, universitário, de capa dura, cheio de histórias. Agora não é o momento de escrever sobre isso. Ademais, costumava participar das olimpíadas de língua romena, que sempre ocorriam em domingos chuvosos, em liceus desconhecidos. Naquela época eu era um moleque alucinado, quase esquizofrênico, que na hora do recreio ia até o pátio do liceu, na caixa de areia para salto em distância, sentava em sua borda e ficava lendo em voz alta versos de livrinhos surrados. As pessoas olhavam através de mim, não me ouviam quando falava, eu era um objeto decorativo, nem ao menos bem-feito, num mundo imenso e caótico. Visto que eu queria me tornar escritor, decidi prestar exame para Letras. Entrei sem problemas, no verão de 1975. Naquela época, minha solidão era total. Morava com meus pais na Ștefan cel Mare. Lia oito horas por dia, revolvendo-me de um lado para o outro na cama, sob o lençol úmido de suor. As páginas do livro assumiam a cor continuamente variável do vasto firmamento bucarestino, do dourado das tardes de verão até o rosa-escuro, opressor, dos entardeceres nevados do meio do inverno. Não percebia quando escurecia por completo. Mamãe me encontrava lendo no quarto mergulhado na escuridão, quando a página e as letras assumiam praticamente a mesma cor e eu não lia mais, sonhava avançar na história, deformando-a de

acordo com as leis do sonho. Então eu despertava, me espreguiçava, me levantava da cama – só saía dela ao longo do dia para ir ao banheiro – e, invariavelmente, me aproximava da grande janela do quarto, de onde se via, espalhada por baixo de nuvens fantásticas, Bucareste toda. Milhares de luzes reluziam ao longe pelos lares, nas casas mais próximas pessoas se mexiam como peixes preguiçosos num aquário, mais distante dali piscavam reclames de neon, coloridos. Mas o que me fascinava era o céu gigantesco por cima de tudo aquilo, cúpula mais alta e mais impressionante do que a de qualquer catedral. Nem as nuvens eram capazes de subir até seu ápice. Fazia minha testa aderir à vidraça gelada e elástica e assim permanecia, adolescente de pijama rasgado nas axilas, até mamãe me chamar para jantar. Depois eu voltava para a toca de minha solidão, bem funda debaixo da terra, para continuar lendo, de luz acesa e com outro quarto, idêntico, dilatado no espelho da janela, até o cansaço me vencer.

De dia, saía para passear no verão interminável. Ia primeiro procurar aqueles dois ou três amigos que eu nunca encontrava em casa. Depois enveredava por ruas desconhecidas, via-me em bairros cuja existência desconhecia, perambulava por entre casas estranhas como abrigos subterrâneos de outro planeta. Antigas casas cor-de-rosa, de comerciantes, com fachadas repletas de anjinhos de estuque, todos agora lascados, pobrezinhos. Nunca havia ninguém pelas ruas cobertas pela abóboda dos velhos plátanos. Entrava naquelas casas antigas, percorria seus aposentos cheios de mobília kitsch, subia até o andar de cima por escadarias exteriores bizarras, descobria salões vastos e vazios, em que meus passos ressoavam indecentemente alto. Descia em porões com iluminação elétrica, abria portas de madeira apodrecida e passava por corredores que cheiravam a terra, com canos finos de gás ao longo das paredes. Sobre os canos, grudadas com uma espuma nojenta, pupas de coleópteros pulsavam devagarinho, sinal de que, por baixo da casca, se modelavam as asas. Entrava no porão de outras casas, subia outros degraus, acessava outros quartos desertos. Chegava, por vezes, a casas muito familiares, visto que um dia morara naqueles aposentos, dormira naquelas camas. Como uma criança

roubada por nômades e reencontrada depois de anos de separação, corria direto para os aparadores, onde encontrava a moeda de cinquenta lei, de prata, que eu colocara na gamela do primeiro banheiro, agora tão enegrecida que não se podiam mais distinguir os traços do rei no anverso, o saquinho com a mecha cortada na idade de um ano, quando, dizem, dentre os objetos da bandejinha de metal, eu escolhera o lápis, ou meus pobres dentinhos de leite, conjunto completo, sobre o qual já escrevi aqui. Numa perambulação contínua todos os dias do verão de 1975, pelas ruas e pelas casas da cidade tórrida, cheguei a conhecê-la bem, a descobrir seus segredos e torpezas, sua glória e seu candor. Bucareste, então compreendi, aos dezenove anos, quando já havia lido tudo, não era como as outras cidades, que se haviam desenvolvido ao longo do tempo, substituindo barracos e depósitos por grandes condomínios, trocando bondes puxados a cavalo por bondes elétricos. Ela surgira de uma vez, já arruinada, esmigalhada, com o reboco arreventado e o nariz lascado das górgonas de estuque, com os fios elétricos suspensos por cima das ruas em ramalhetes melancólicos, com uma arquitetura industrial fabulosamente variada. Desejou-se projetar, desde o início, uma cidade mais humana e mais emocionante que uma Brasília de concreto e vidro. O arquiteto genial projetara ruas tortas, canais abertos, casas inclinadas, invadidas pelo mato, casas com fachadas completamente desmornadas, escolas impraticáveis, lojas de sete andares, disformes, espectrais. Bucareste havia sido planejada, sobretudo, como um grande museu a céu aberto, museu da melancolia e da ruína de todas as coisas.

Era a cidade que eu via de minha janela da Ștefan cel Mare e que, se eu tivesse virado escritor, a teria descrito infinitamente, a teria mencionado em cada página e em cada livro, vazia de gente mas cheia de mim mesmo, como uma rede de galerias na epiderme de um deus, habitada por um único sarcopta microscópico, transparente, com fios de cabelo na ponta de seus tocos horrendos.

No outono, o Exército me recrutou e, por nove meses, arrancaram-me a poesia e as aspirações literárias da cabeça. Sei desmontar e montar um Kalashnikov automático modernizado. Sei

enegrecer uma mira com a fuligem produzida pelo cabo de uma escova de dentes em chamas, para não luzir ao sol, no estande de tiros. Enfiei, um após outro, vinte cartuchos no carregador durante o inverno, a vinte graus negativos, antes de entrar de guarda para vigiar um canto remoto da unidade militar, exposto ao Bóreas no meio do nada, das três da madrugada até as seis da manhã. Arrastei-me por um quilômetro na lama, com uma máscara de gás presa à cara e uma mochila de trinta quilos nas costas. Inspirei e expirei mosquitos, de cinco a seis por centímetro cúbico do ar do alojamento. Limpei privadas e esfreguei assoalhos com escovas de dentes. Quebrei meus dentes com biscoitos de guerra e comi batatas com casca e tudo direto da panela. Pinte de cal os troncos das árvores da unidade militar. Troquei socos com um colega por uma lata de peixe. Outro camarada quase enfiou uma baioneta em mim. Não li nenhum livro, nenhuma letra, de fato, por nove meses. Não escrevi nem recebi cartas. Só mamãe vinha me visitar a cada duas semanas e, a cada vez, trazia um pacote de comida. O Exército não me fez mais homem, mas decuplicou minha introversão e solidão. Até hoje me admiro de ter sobrevivido a ele.

A primeira coisa que fiz ao me “libertar”, no verão do ano seguinte, foi encher a banheira de água quente, azul como uma pedra preciosa. Deixei a água passar do dreno de transbordamento e alcançar a margem da banheira de porcelana, curvando-se um pouco por cima dela. Entrei pelado na água, que transbordou pelo chão do banheiro. Não me importava, precisava me livrar daquele sebo de nove meses de Exército, único tempo morto, como um osso morto, de minha vida. Afundei completamente na bendita substância, apertei as narinas com os dedos e imergi fundo a cabeça na banheira, até encostar com o cocuruto no fundo de faiança. Fiquei assim, estirado no fundo da banheira, adolescente franzino, de costelas pateticamente visíveis pela pele, de olhos bem abertos, fitando, quilômetros acima, os jogos de luz da superfície da água. Assim permaneci por horas a fio, sem sentir necessidade de respirar, até se desprender de mim, com pregas moles, uma pele escurecida. Guardo-a até hoje, num cabide dentro do armário. Parece feita de borracha fina, e em sua textura se veem

claramente os traços de meu rosto, os mamilos de meu peito, meu sexo enrugado pela água, até as digitais das pontas de meus dedos. É uma pele de imundície, imundície aglutinada, endurecida, cinzenta, como numa massinha em que tenhamos misturado todas as cores: imundície daqueles nove meses de Exército que quase me levaram embora.